

Difusão e ensino de Comportamentalismo nos EUA dos anos 1970: O Caso Behaviordelia¹

*(Dissemination and Teaching of Behaviorism in the USA During the 1970s:
The Behaviordelia Case)*

Fernando Tavares Saraiva^{*,2}, Millene Soares Cardoso^{*},
Izabella Tognini Corrêa^{**,*}, Roberta Garcia Alves^{*,****}
e Rodrigo Lopes Miranda^{*,*****}

^{*}Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

^{**}Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

^{***}Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS)

^{****}Universidade Federal do Acre (UFAC)

^{*****}Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
(Brasil)

Resumo

A despeito de sua relevância para a conformação da Psicologia moderna, a Análise do Comportamento enfrentou diversas controvérsias ao longo do século XX. Estudos têm sugerido estratégias para lidar com tal cenário, como o uso de storytelling em obras analítico-comportamentais voltadas ao ensino e difusão da área. Este artigo analisa uma obra alinhada com esta proposta: uma História em Quadrinhos (HQ) publicada por Richard W. Malott em 1972, pela editora Behaviordelia. Trata-se de uma pesquisa em História da Psicologia que se apropria de estratégias de análise documental. O texto está dividido em três momentos: (1) a apresentação de um panorama histórico de circulação da Análise do Comportamento nos EUA durante o século XX, contexto marcado por reações ambivalentes à área; (2) uma breve exposição da trajetória profissional de Malott, incluindo aspectos biográficos associados à produção de obras didáticas; e (3) uma discussão sobre a estrutura e o conteúdo da HQ analisada, bem como reações à sua publicação. Os dados examinados possibilitaram discutir escolhas editoriais assumidas pelo autor e a forma como a sua HQ circulou em contextos formativos e de difusão da Análise do Comportamento.

1 Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Rodrigo Lopes Miranda - Processo: 305043/2023-4).

2 Endereço para correspondência: Fernando Tavares Saraiva, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Programa de Pós-graduação em Psicologia, Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário, Campo Grande, MS, CEP 79117-900. E-mail: fernandotavaressaraiva@hotmail.com

Palavras-chave: história da psicologia, behaviorismo, comunicação científica - psicologia, materiais de ensino, histórias em quadrinhos

Abstract

Despite its significant influence on modern Psychology, Behavior Analysis has faced several controversies throughout the 20th century. Some studies suggest strategies to deal with such a scenario, including the use of storytelling in behavior-analytic literature to support both teaching and knowledge dissemination. This paper discusses a work aligned with such an initiative: a comic book published in 1972 by Richard W. Malott, through a publishing company founded by the author himself (Behaviordelia). Methodologically, this is a paper in the History of Psychology that employs some document analysis strategies. It is structured in three main parts: (1) an overview of the historical development of Behavior Analysis during the 20th century, a period marked by ambivalent responses to the field; (2) a brief account of Malott's professional background, including biographical elements related to his development of teaching materials; and (3) an analysis of Malott's comic book's structure and content, along with the reception it received. This paper argues that the controversial environment surrounding Behavior Analysis in the United States offers a relevant context for understanding Malott's editorial choices in creating his comic book. The data examined allow us to discuss those decisions and how Malott's comic book circulated within both teaching and knowledge dissemination settings in the context of Behavior Analysis. Also, reactions found in published reviews and personal communications point to positive outcomes linked to reading and engaging with the material, which align with informal reports highlighting the benefits of the use of storytelling in other behavior-analytic texts. Finally, the article underscores the continuing relevance of the issues raised by the analysis of Malott's comic book. Although the work was published more than fifty years ago, the issues related to its creation remain timely – especially concerning how the behavior-analytic community shares its knowledge.

Keywords: history of psychology, behaviorism, scientific communication - psychology, teaching materials, comics

A despeito do reconhecimento ou de um lugar de proeminência que a Análise do Comportamento possa ocupar no processo de conformação da Psicologia como projeto científico moderno, o seu percurso histórico ao longo do século XX foi permeado por controvérsias tanto no contexto científico-acadêmico quanto na esfera pública (Bjork, 1993; Rutherford, 2009; Smith, 1996). Diversas pesquisas têm buscado identificar variáveis relevantes para a ocorrência de tais controvérsias e um dos entendimentos possíveis sinalizado por seus autores é o de que imprecisões difundidas sobre fundamentos teórico-conceituais da Análise do Comportamento alicerçam percepções equivocadas nas quais estariam baseadas certas reações negativas à área (e.g., Bandeira & Malerbi, 2023; Todd & Morris, 1992). Nesse sentido, estes estudos sugerem que: (1) reações negativas à Análise do Comportamento ocorrem em contextos diversos (formativo, profissional, midiático

etc.); (2) imprecisões sobre a área estão entre as variáveis que influenciam tais reações; e (3) que percepções equivocadas são persistentes – i.e., há resistência à mudança em opiniões já consolidadas. Em posse destas informações, como os analistas do comportamento poderiam tentar reverter tal situação?

Uma revisão da literatura que aborda estratégias para superar imprecisões sobre a Análise do Comportamento indica que pesquisadores e profissionais da área deveriam tanto adotar posturas reativas a críticas equivocadas, quanto disseminar informações apropriadas de forma proativa (Bandeira & Malerbi, 2023). É de suma importância, portanto, que analistas do comportamento estejam atentos às suas respostas verbais como possíveis disseminadoras de imprecisões, já que são os próprios representantes da área os principais responsáveis pela adequada divulgação do conhecimento por ela produzido. Nessa direção, estudos apontam ser crucial a utilização de formas de comunicação adequadas ao apresentar a Análise do Comportamento, principalmente em âmbito formativo e com o público leigo (Bailey, 1991; Critchfield et al., 2017; Foxx, 1996; Freedman, 2016). Estes autores sugerem que analistas do comportamento busquem apresentar princípios e técnicas de uma forma mais “amigável”. Critchfield et al. (2017), por exemplo, apontam que jargões típicos da comunicação técnico-científica analítico-comportamental têm sido caracterizados como aversivos no diálogo com o público leigo, o que pode vir a comprometer a oferta de serviços por profissionais dessa área.

Em tal contexto, Hineline (2018) defende que a área poderia se beneficiar do estudo das múltiplas funções do storytelling¹ no âmbito do comportamento humano. O autor sugere que uma compreensão funcional dos repertórios comportamentais envolvidos no ato de contar histórias poderia fomentar estratégias para um mais efetivo ensino e difusão da Análise do Comportamento e, por consequência, produzir mudanças em sua dimensão formativa e na percepção pública sobre a área. Ao mesmo tempo, Critchfield (2024) aponta que também seria importante repensar o tradicional uso de materiais acadêmicos como forma de ensino e divulgação pública de conhecimento, incorporando configurações alternativas de comunicação científica. Uma possibilidade sugerida pelo autor é o uso de Graphic Novels (GNs), um formato de Histórias em Quadrinhos (HQs) popular nos Estados Unidos da América (EUA). Como exemplo, cita a obra “Contingency management in education & other equally exciting places, or ...”, uma HQ voltada ao ensino e à divulgação da Análise do Comportamento que foi publicada por Richard W. Malott em 1972, por meio da editora Behaviordelia. O autor menciona que Malott “tentou tornar a Análise do Comportamento divertida ao combinar o formato de GNs com uma irreverente atmosfera de contracultura típica dos anos 1970” (Critchfield, 2024, Reinventing the Book, parágrafo 3)².

Destarte, o presente artigo analisa a referida HQ de Malott, cuja concepção está relacionada ao objetivo de apresentar fundamentos básicos da Análise do Comportamento em um formato alternativo àquele tradicionalmente adotado por obras didáticas e/ou científico-acadêmicas. A análise proposta explora aspectos do contexto histórico de circulação da Análise do Comportamento nos EUA durante o século XX e da biografia de Malott – sobretudo no que se refere ao seu engajamento na produção de materiais didáticos – para compreender decisões editoriais do autor

ao propor uma HQ como material para ensino e difusão de conhecimento. Trata-se, portanto, de uma pesquisa em História da Psicologia (e.g., Cruz, 2006; Morris et al., 1990) que se apropria de estratégias de análise documental (Cellard, 2008) para avaliar o contexto de publicação, a autoria, a natureza e a estrutura lógica da obra em questão. Para tanto, foram analisados dois tipos de fontes primárias: (1) textuais, restritas à própria HQ e a resenhas da época de sua publicação; e (2) orais, provenientes de membros do The History of Behavior Analysis Special Interest Group (HoBA SIG), da Association for Behavior Analysis International (ABAI). Estes relatos foram obtidos em 2020 a partir de uma consulta por e-mail, na qual um autor do presente artigo perguntou se alguém daquela lista de contatos teria memórias para compartilhar sobre a HQ de Malott. Com a permissão de tais interlocutores, trechos de suas respostas foram citados e comentados neste trabalho.

O presente artigo está dividido em três partes. Primeiro, é apresentada uma breve contextualização histórica do desenvolvimento da Análise do Comportamento nos EUA ao longo do século XX, enfatizando recortes que demarcam a ambivalência de reações públicas a este projeto de ciência psicológica. Examinada tal conjuntura histórica que parece fomentar a publicação de materiais didáticos como a HQ de Malott, a seção seguinte destaca aspectos da biografia e da trajetória profissional deste autor que podem ter influenciado decisões editoriais assumidas durante a elaboração da referida obra. Por fim, um terceiro momento discute questões referentes ao seu conteúdo e estrutura – incluindo descrições de alguns trechos da HQ –, bem como reações à sua leitura identificadas em resenhas da época de sua publicação e nos relatos de participantes do HoBA SIG, que fornecem informações acerca de sua possível repercussão em processos formativos no âmbito da comunidade analítico-comportamental.

Análise do Comportamento no Século XX: Um Cenário de Reações Ambivalentes

Com uma prolífica carreira construída ao longo do século XX, Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) é considerado um dos mais influentes autores da Psicologia, tanto no âmbito científico-acadêmico (e.g., Haggblom et al., 2002), quanto no que diz respeito à sua inserção no cenário sociocultural estadunidense (e.g., Smith, 1996). Tal importância atribuída ao autor na história da Psicologia moderna e no campo da divulgação científica está em grande medida associada à proposição e difusão da Análise do Comportamento como projeto de ciência psicológica. Da mesma forma, o modo como esta ciência foi recebida e circulou na sociedade estadunidense também está diretamente relacionado à crescente exposição e identificação pública de Skinner como psicólogo e cientista em meados do século XX. Neste cenário, a postura “iconoclasta” do autor – e, por conseguinte, da Análise do Comportamento –, ao confrontar certas percepções enraizadas nos indivíduos acerca de si e da sociedade em que viviam, geraram uma “intensa reação pública, o que lhe garantiu um lugar de destaque na cultura popular” (Rutherford, 2009, p. 4).

Principalmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Skinner passou a dedicar grande parte de sua atenção ao aspecto prático do conhecimento produzido

em nível da ciência básico-analítico-comportamental, o que envolvia tanto a interpretação e proposição de possíveis aplicações de princípios comportamentais a fenômenos sociais e problemas humanos, quanto o desenvolvimento de uma tecnologia e de aparatos para a melhoria da vida cotidiana (Benjamin, 1988; Benjamin & Nielsen-Gammon, 1999; Rutherford, 2009). Neste período, entre os anos 1940 e 1950, os EUA buscavam valorizar inovações estéticas em variados nichos de produção – e.g., entretenimento, moda, arquitetura, ciência, etc. –, pois estimava-se que influenciariam positivamente o período pós-guerra e trariam benefícios econômicos ao país. Além disso, campanhas midiáticas e comerciais atrelavam atributos vinculados à ideia de modernização (e.g., “novo”, “mais” e “melhor”) com a busca por uma melhor qualidade de vida, para restaurar a confiança do público e do mercado de consumo (Rutherford, 2009). Em tal contexto, aparatos e tecnologias derivadas de princípios comportamentais configuravam uma tentativa de alinhamento da Análise do Comportamento a este horizonte estético e de modernização estadunidense, pleiteando uma aproximação ao cotidiano e aos anseios da população como uma ferramenta de modernização.

No entanto, há de se pontuar certa ambivalência em sua recepção. Para uma parcela da opinião pública, tal tecnologia negligenciava um trato das relações humanas essencial às experiências sociais e constitutivas – e.g., a relação entre estudantes e professores, que poderia sofrer um distanciamento com a inserção de máquinas de ensino nos ambientes pedagógicos (Benjamin, 1988). Além disso, na perspectiva de parte do público, conceitos que fundamentavam o desenvolvimento desta tecnologia colidiam frontalmente com certos valores humanistas e negavam um mentalismo do senso comum subjacente à forma como a Psicologia era compreendida e aceita no âmbito da opinião pública, principalmente em um contexto de contracultura que se opunha à ideia de uma “sociedade de massa automatizada” (Rutherford, 2009). Assim, na esfera pública estadunidense, a imagem do analista do comportamento passou a sofrer certo rechaço devido a percepções desfavoráveis sobre tal tecnologia (Benjamin & Nielsen-Gammon, 1999; Bjork, 1993).

Este caráter ambivalente das reações públicas à Análise do Comportamento não esteve circunscrito apenas ao período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Também esteve presente nos anos 1970, um período que representou o ápice da popularidade de Skinner e do debate público sobre a Análise do Comportamento (Rutherford, 2009). Em 1971, o autor publicou “Beyond freedom and dignity”, obra que gerou uma inflamada reação pública. Considerado um sucesso comercial, o lançamento do livro motivou diversos convites para a participação de Skinner em programas de rádio e televisão (Bjork, 1993). Porém, esta ampla projeção foi acompanhada por certa animosidade à sua figura e às ideias defendidas na obra, tanto por parte de pares intelectuais no âmbito da Psicologia e da ciência em geral, quanto por parte do público leigo (Cruz, 2010). O conteúdo do livro argumentava em favor do desenvolvimento e do uso de uma ciência e de uma tecnologia do comportamento como solução para problemas sociais e globais (Dinsmoor, 1992). No entanto, ao defender uma reinterpretação analítico-comportamental de preceitos caros à sociedade estadunidense – como liberdade, livre-arbítrio ou a objeção ao controle social –, atraiu uma veemente reação negativa, influenciada

por movimentos de contracultura pautados por valores humanistas alinhados a uma perspectiva anti-tecnocrática. Inclusive, muitas destas reações ao conteúdo de “Beyond freedom and dignity” atribuíram a Skinner rótulos como “reacionário”, “fascista” ou “inimigo da democracia” (Cruz, 2010; Dinsmoor, 1992; Reinhold, 1972; Smith, 1996).

É importante salientar que, com a incursão da Análise do Comportamento em variados contextos de aplicação ao longo da década de 1970 – instituições psiquiátricas, prisões, salas de aula etc. –, controvérsias acerca de aspectos éticos e da efetividade de intervenções analítico-comportamentais também circularam no debate público (Rutherford, 2009). Assim, com a ampliação no escopo de atuação dos analistas do comportamento, houve um maior – e majoritariamente hostil – escrutínio³ público por parte de entidades governamentais, agências de financiamento, pesquisadores acadêmicos etc. (e.g., Chomsky, 1971; Wyatt, 2000).

O cenário apresentado auxilia a pensar o modo como “Contingency management in education & other equally exciting places, or ...” foi planejada por Richard W. Malott e publicada no início dos anos 1970. Tal conjuntura de ambivalente recepção à Análise do Comportamento nos EUA demandava ações de pesquisadores e profissionais da área, o que incluía a proposição de iniciativas que tivessem relevância no âmbito didático-formativo e no campo da divulgação científica. Todavia, para além de considerar este contexto de circulação da área nos EUA ao longo do século XX, o presente estudo pressupõe a análise de que elementos biográficos da carreira acadêmica de Malott concernentes ao seu envolvimento com a produção de materiais didáticos também influenciaram diretamente a confecção da obra aqui examinada, bem como as decisões editoriais a ela associadas.

Malott e a Editora Behaviordelia: Repensando Materiais Didáticos nos EUA dos anos 1970

Richard W. Malott é professor emérito da Western Michigan University (WMU, localizada em Kalamazoo, Michigan, EUA) e analista do comportamento certificado (Board Certified Behavior Analyst-Doctoral - BCBA-D) pelo Behavior Analyst Certification Board (BACB). Nasceu em 1936, em Marion (Indiana, EUA), e passou sua infância e adolescência em Converse – uma pequena cidade também no estado de Indiana. Graduou-se em Psicologia em 1958, pela Indiana University (IU, em Bloomington, Indiana, EUA), e obteve o seu título de doutorado em 1964, pela Columbia University (em Nova Iorque, Nova Iorque, EUA). Durante praticamente toda a sua carreira acadêmica, entre 1966 e 2019, atuou como professor do Departamento de Psicologia da WMU (Malott, 2017; Western Michigan University, 2019).

Malott (2017) comenta que foi o contato com certos professores e materiais de ensino e pesquisa produzidos por analistas do comportamento que o influenciaram a direcionar a sua formação e carreira profissional para este campo de pesquisa, ensino e aplicação. Dentre estas influências, está o fato de que o Departamento de Psicologia da IU era majoritariamente composto por behavioristas – e.g., James A. Dinsmoor (1921-2005) – no período em que cursou Psicologia. Malott também

aponta as práticas de laboratório com “caixas de Skinner” e a leitura precoce de obras que são consideradas importantes referências da área como fatores determinantes para o seu alinhamento à Análise do Comportamento. Ademais, é possível hipotetizar que o cenário ampliado deste campo de estudo, descrito na seção anterior, pode ter influenciado a experiência do autor naquelas três instituições pelas quais passou (IU, Columbia e WMU). Ou seja, enquanto Malott se constituía como analista do comportamento, o campo estava em franca organização, com a criação de entidades e periódicos específicos (Cruz, 2011, 2016), e circulando no debate público estadunidense (Rutherford, 2009).

Esta hipótese auxilia a interpretação das ações que o autor desenvolveu no cenário analítico-comportamental estadunidense ao longo de sua carreira – em distintos níveis, mas sobretudo no que se refere aos seus investimentos em aspectos didáticos e formativos da área. Malott é conhecido por iniciativas acadêmicas que buscavam ampliar a circulação da Análise do Comportamento entre estudantes universitários e é considerado uma figura relevante no âmbito da produção de materiais didáticos. A sua bibliografia inclui, por exemplo, o livro “Elementary principles of behavior” (rebatizado como “Principles of behavior” em edições posteriores), que possui amplo alcance na comunidade analítico-comportamental (Association for Behavior Analysis International, s.d.; Zhang et al., 2023). Publicada originalmente em 1971, esta obra tem sido atualizada e reeditada ao longo das últimas décadas, com uma nona edição prevista para lançamento em 2025. A história de publicação da sua primeira edição está diretamente relacionada com outro projeto de Malott, o qual daria origem à obra analisada no presente estudo: a criação da editora Behaviordelia (Malott, 2017, 2018).

Em 1967, a editora Appleton-Century-Crofts encomendou “Elementary principles of behavior” a Malott e Donald L. Whaley (1934-1983) – “Don Whaley”, à época também professor do Departamento de Psicologia da WMU. A editora solicitou uma espécie de continuação do clássico manual “Principles of psychology: A systematic text in the science of behavior”, publicado em 1950 por Fred S. Keller (1899-1996) e William N. Schoenfeld (1915-1996). Malott (2017, 2018) explica que a proposta para esta nova obra seria apresentar o conteúdo de uma forma que o aprendizado de Análise do Comportamento fosse considerado fácil e divertido por estudantes ou por quem a estivesse lendo. Os autores buscaram, por exemplo, adaptar jargões da área e apresentar de forma mais cadenciada aqueles temas em relação aos quais os estudantes demonstravam menos interesse (e.g., métodos de pesquisa). Além disso, permearam a obra com narrativas que exemplificavam definições e aplicações de conceitos analítico-comportamentais em situações cotidianas. Nas palavras do próprio Malott:

O que Don [Whaley] e eu tentávamos fazer com storytelling era atrair jovens estudantes para a Análise do Comportamento. (...) [Nós] queríamos tornar a aprendizagem de Análise do Comportamento tão divertida (i.e., reforçadora) e fácil (i.e., com um baixo custo de resposta) quanto fosse possível. (Malott, 2018, p. 552)

Malott (2018) também cita a adoção de uma estética psicodélica, o uso de ilustrações com teor humorístico e a apresentação de fotografias e poemas em determinados trechos da obra como outros meios utilizados para gerar uma conexão mais efetiva com estudantes e leitores – “tudo isso para tornar a leitura ou mesmo apenas a observação do nosso livro o mais visual, humorístico e poeticamente reforçador possível” (Malott, 2018, p. 554).

Em suma, os relatos de Malott (2017, 2018) sobre a sua trajetória acadêmica e profissional – e, em particular, sobre o seu engajamento na produção de materiais didáticos – sugerem constantes investimentos voltados para despertar o interesse de estudantes pela Análise do Comportamento. Pode-se supor, portanto, que promover esta aproximação configuraria uma forma de responder a um certo afastamento do público – o qual, por sua vez, era compreensível. Dentre os fatores que parecem relevantes para tal distanciamento por parte dos estudantes, o linguajar específico utilizado pela comunidade analítico-comportamental e percepções negativas associadas à área que circulavam à época nos EUA soam determinantes.

Manejando Contingências em Quadrinhos: A Estrutura, o Conteúdo e a Recepção da Obra

Em 1968, enquanto ainda escrevia “Elementary principles of behavior” a convite da editora Appleton-Century-Crofts, Malott decidiu utilizar o que já estava pronto do manuscrito em suas aulas de introdução à Psicologia na WMU, como forma de testar a sua recepção. Essa versão preliminar do livro de Whaley e Malott ficou conhecida como “Orange book” – devido à cor utilizada em sua capa – e contou com a colaboração de artistas da universidade, que ajudaram na diagramação da capa e dos capítulos, e com a produção de alguns recursos visuais (desenhos e fotografias). Para a confecção desta versão da obra, os autores criaram uma editora que batizaram de “Behaviordelia”, um jogo de palavras com os termos em inglês para “comportamento” (“behavior”) e “psicodelia” (“psychedelia”) (Malott, 2017, 2018).

Após o “Orange book”, a Behaviordelia publicou algumas obras no início dos anos 1970 com a proposta de disseminar e ensinar Análise do Comportamento incorporando elementos ou mídias alternativas – e.g., HQs ou livros interativos – ao tradicional formato de obras didáticas, além da adoção de uma escrita que as tornassem mais “acessíveis” para estudantes e leitores em geral (Malott, 2018). Dentre estes projetos, Malott (2017, 2018) destaca a HQ “Contingency management in education & other equally exciting places, or ...” (1972), produzida em colaboração com: (a) Patricia Hartlep, creditada pela arte e como “ghost writing”; (b) Stuart Hartlep, também responsável pela arte; (c) Patience Vaughan, que compôs letreiramento e caligrafia; (d) James E. Smith, autor das fotografias incorporadas em um dos capítulos da obra; (e) Robert Ludlow, responsável por “copy editing”; (f) Dan Reese e Dick Woolfenden, responsáveis por “educational technology”; e (g) Lyle Grant, que formulou as questões para estudo apresentadas ao fim de cada capítulo. O modo como os seus nomes estão apresentados e dispostos no material sugere que todos eram igualmente afiliados à WMU.

Esta obra é composta por histórias apresentadas majoritariamente em formato de HQ⁴, uma mídia definida por Duncan e Smith (2009) como volumes “nos quais todos os aspectos da narrativa estão representados por imagens pictóricas e linguísticas encapsuladas em uma sequência de painéis e páginas justapostos” (p. 4). O uso do termo “narrativa” nesta definição faz referência a relatos de um evento ou de uma série de eventos que envolvem “pessoas, objetos, sons, sensações e pensamentos que desempenham papéis no storytelling” (p. 4). Como outros meios de comunicação em massa, HQs são consideradas veículos de influência, transmissão ideológica e/ou crítica social, uma vez que produzidas por “indivíduos ou grupos de indivíduos que trazem para as obras as suas próprias ideias preexistentes. Intencionalmente ou não, o trabalho dos criadores de histórias em quadrinhos incorpora elementos de suas ideologias” (Duncan & Smith, 2009, p. 248). Desta maneira, a produção de uma HQ sobre Análise do Comportamento parece estar alinhada a um projeto de ensino e de disseminação de informações mais precisas sobre a área do que aquelas que comumente perpassariam a sua apresentação em materiais didáticos e em mídias de comunicação em massa, buscando produzir uma percepção mais favorável da área junto a estudantes e ao público leigo.

Ao que parece, Malott (1972/1975) tentava contrapor uma percepção hostil de parte da opinião pública em relação à Análise do Comportamento no início da década de 1970. Para tanto, utiliza storytelling para discutir temas diversos, mas comuns ao cotidiano de estudantes e do público leigo (e.g., procrastinação, compulsão por doces etc.). Além disso, apresenta a Análise do Comportamento personificada figurativamente como super-heróis – “Captain Contingency Management” (“Captain Con Man”), “Behaviorman” e “Behaviorwoman” –, que utilizam arranjos contingenciais para lidar com situações ou comportamentos que estejam gerando sofrimento (“vilões”) a outros personagens nos contextos das histórias narradas por Malott. Nesse sentido, os super-heróis são apresentados como detentores de um conhecimento capaz de respaldar intervenções que provocam significativas mudanças no ambiente – o que, de certo modo, alude à perspectiva skinneriana de que uma ciência do comportamento seria essencial para a superação de problemas humanos e sociais (Bjork, 1993; Dinsmoor, 1992).

Esta escolha narrativa pelo gênero de super-heróis não soa fortuita. Ao adotar representações super-heroicas da Análise do Comportamento como resposta para problemas cotidianos, Malott parece tentar associar a imagem de analistas do comportamento àquelas características positivas tipicamente atribuídas aos super-heróis (ver, por exemplo, como estes são definidos⁵ por Coogan, 2013), construídos como seres capazes de sobrepujar adversidades cotidianas – ou, como o próprio autor define, ao narrar a transformação em super-herói de um dos personagens de sua HQ, “(...) um espírito que incorpora tudo aquilo que há de bom e belo na incipiente tecnologia do manejo de contingências” (Malott, 1972/1975, p. 3). Tal escolha narrativa está alinhada, por exemplo, à análise de Coogan (2006) quanto ao uso de super-heróis como metáfora para a transmissão de certas ideias e valores em HQs estadunidenses:

O super-herói possui uma função significante única e pode ser utilizado para expressar ideias que outros gêneros não conseguiriam retratar tão bem. Super-heróis incorporam uma perspectiva sobre o uso de poder considerada única para os Estados Unidos. (...) sem qualquer esforço, eles podem resolver problemas com os quais autoridades comuns não conseguem lidar. (Coogan, 2006, p. 231)

Assim, se HQs podem ser compreendidas como artifícios culturais pautados por ideologias preestabelecidas, o uso de super-heróis por Malott parece constituir uma ferramenta de influência e de gestão da imagem do analista do comportamento no contexto estadunidense.

Em relação à sua estrutura, “Contingency management in education & other equally exciting places, or ...” é composta por 11 capítulos. Destes, sete possuem apresentações visuais e narrativas típicas de HQs, enquanto os demais compreendem conteúdos textuais acompanhados por pontuais elementos ilustrativos (desenhos ou fotografias). Os capítulos são introduzidos por imagens que apresentam os seus títulos na estética psicodélica adotada pelas publicações da editora Behaviordelia e, ao final de cada capítulo, há pequenas seções que recapitulam o conteúdo (“Recap”) e listas de questões para estudo (“Study objectives”). A Tabela 1 apresenta os títulos e breves descrições dos capítulos da obra.

Tabela 1*Títulos e Descrições dos Capítulos da HQ de Malott (1972/1975)*

Capítulos	Títulos ^a	Descrições ^b
1	“Captain Contingency Management.” [“Capitão Manejo de Contingências”].	O uso de uma contingência de esQUIVA para ajudar um procrastinador convicto a escrever sua tese de doutorado.
2	“Y’are what’cha do” [“Você é o que você faz”].	Uma introdução às premissas e fundamentos básicos do behaviorismo – Os conceitos de reforçamento e punição – Consequências comportamentais imediatas em oposição àquelas de longo prazo.
3	“Behaviorman faces the challenge of ‘the rotten kids’ - Part 1” [“Homem-Comportamento enfrenta o desafio das ‘crianças malcriadas’ - Parte 1”].	Uma introdução ao uso do manejo de contingências.
4	“Behaviorman faces the challenge of ‘the rotten kids’ - Part 2” [“Homem-Comportamento enfrenta o desafio das ‘crianças malcriadas’ - Parte 2”].	Implementação de uma economia de fichas em uma situação de sala de aula utilizando como abordagem a análise de sistemas.
5	“Summary - Part 1: Principles of behavior” [“Resumo I - Parte 1: Princípios do comportamento”].	Uma visão geral e sistemática dos princípios comportamentais básicos abordados nos capítulos 1 a 4.
6	“Summary - Part 2: Contingency management and systems analysis” [“Resumo - Parte 2: Manejo de contingências e análise de sistemas”].	Uma visão geral e sistemática dos conceitos básicos do manejo de contingências e da análise de sistemas abordados nos capítulos 1 a 4.
7	“Confessions of a candyfiend - Featuring Behaviorwoman” [“Confissões de um viciado em doces - Apresentando a Mulher-Comportamento”].	O uso do manejo de contingências em um programa voltado para o controle de peso.
8	“Behaviorwoman in: Confessions of a Beard molester” [“Mulher-Comportamento em: Confissões de um molestador de barba”].	O uso do manejo de contingências para eliminar o toque e o movimento excessivo na própria barba.
9	“First fly-by-night underground experimental college” [“Primeira faculdade experimental subterrânea improvisada”].	Uma descrição de como manejar contingências para o planejamento e a organização de um currículo universitário completo.
10	“Psychological Confessions: Confessions of a scientist!” [“Confissões Psicológicas: Confissões de um cientista!”].	Uma discussão sobre o comportamento científico e as variáveis que o afetam.
11	“Behaviorwoman in: Is learning its own reward?” [“Mulher-Comportamento em: Aprender é uma recompensa por si só?”].	Uma discussão sobre o sistema de classificação e o seu papel em um sistema educacional comportamentalmente planejado.

a Na coluna “Títulos”, são apresentadas entre colchetes as traduções dos títulos de capítulos que compõem a obra.

b Na coluna “Descrições”, constam traduções de textos escritos por Malott como forma de brevemente apresentar o conteúdo de cada capítulo no “Sumário” (“Table of contents”) da obra.

Devido à extensão da obra e às limitações impostas pelo gênero artigo científico, não é possível explorar em detalhes todo o seu conteúdo no presente espaço. No entanto, a descrição de alguns dos seus capítulos auxilia a interpretação

ora apresentada: a sua proposição como forma de ensinar e disseminar a Análise do Comportamento em um cenário público de controvérsias sobre a área nos EUA, utilizando estratégias de storytelling.

O primeiro capítulo da HQ (“Captain Contingency Management”) apresenta o super-herói Captain Con Man, alter ego de Roger Reinforcement. Oriundo do planeta “Kalmich” – um jogo de palavras entre os nomes da cidade e do estado onde Malott lecionava (Kalamazoo, no Michigan) –, Roger inadvertidamente engolira uma cópia de “Elementary principles of behavior” e, desde então, ao identificar situações nas quais poderia aplicar intervenções baseadas em princípios comportamentais, transforma-se em sua persona super-heroica.

O capítulo é centrado na dificuldade apresentada por um professor universitário (John) para concluir a sua tese de doutorado. Em diálogos com John e sua esposa (Marsha), Captain Con Man descobre que, apesar do aumento salarial que o professor receberia com o título de doutorado, diversas atividades diárias que exigem a sua atenção e produzem consequências reforçadoras mais imediatas (organização de aulas, reuniões de conselhos, acompanhamento de estudantes etc.) concorrem diretamente com a escrita de sua tese, que acaba negligenciada. Diante do relato, Captain Con Man propõe um arranjo de contingências para lidar com a situação: John deveria assinar quatro cheques de 100 dólares endereçados à organização que mais abomina (o professor escolhe o “The future fascists of Amerika Club”) e, ao final de cada mês, deveria entregar um capítulo de sua tese ao super-herói. Caso não cumprisse o prazo, um cheque seria enviado à instituição que repudia. Posteriormente, Captain Con Man explica ao casal (e ao leitor) como funciona o manejo de contingências e como identificar as variáveis relevantes para a compreensão e intervenção sobre comportamentos, apresentando alguns conceitos analítico-comportamentais – e.g., “reforçadores”, “esquiva”, “punição” etc.

Um elemento a se destacar na composição do enredo deste capítulo – e que parece estar relacionado ao momento histórico de sua publicação – é a escolha da instituição que receberia os cheques de John caso o acordo de produtividade firmado com o Captain Con Man não fosse cumprido. É estabelecida uma contingência de reforçamento negativo (esquiva), na qual o envio de dinheiro ao “The future fascists of Amerika Club” é caracterizado como a estimulação aversiva que consequenciaria eventuais respostas de procrastinação por parte de John. É relevante sinalizar que a HQ de Malott foi escrita no início dos anos 1970, período no qual Skinner publicou “Beyond freedom and dignity”, uma obra cuja reação pública foi marcada por uma animosidade que chegou ao ponto de qualificá-lo como “fascista” ou “inimigo da democracia” (ver Cruz, 2010; Dinsmoor, 1992; Reinhold, 1972; Smith, 1996). Assim, a associação de um clube fascista à estimulação aversiva de uma contingência manejada pelo herói da história (o analista do comportamento) sugere um posicionamento de Malott no sentido de rechaçar qualquer associação entre a Análise do Comportamento e o fascismo que possa ter sido sugerida por aquelas críticas negativas à área.

O segundo capítulo (“Y’re what’cha do”) dá continuidade à discussão sobre respostas concorrentes que produzem consequências (reforçadoras ou aversivas) imediatas ou atrasadas, bem como a forma como o comportamento humano é

influenciado por estas propriedades dos estímulos consequentes. Para Malott (1972/1975), “o maior problema do homem é que o seu comportamento é mais facilmente influenciado por reforços pequenos, mas imediatos e bem definidos, do que por reforços maiores, mas distantes e incertos” (p. 32). Para ilustrar esta discussão, o autor narra a história de um estudante que, ao sair da casa de seus pais para morar em um alojamento universitário, não consegue manter um contato regular com os familiares. Ainda que queira escrever uma carta para contar como está a sua vida, o jovem se engaja em atividades concorrentes que produzem consequências reforçadoras mais imediatas. Outros exemplos apresentados ao longo do capítulo incluem a dificuldade para parar de fumar, para ingerir uma menor quantidade de comida, para manter uma rotina de exercícios físicos ou para diminuir o tempo de exposição a televisores, além de algumas breves análises sobre contingências comportamentais identificadas em variados âmbitos artísticos – como artes plásticas, literatura, histórias em quadrinhos, música etc. –, principalmente no que se refere à apreensão da atenção dos indivíduos e ao consumo de tais expressões artísticas.

Considerando estes excertos da obra, que exemplificam sua tipologia textual, alguns aspectos podem ser destacados. Primeiro, há um esforço do autor para “simplificar” a terminologia analítico-comportamental – e.g., “S+R significa estímulo reforçador; um estímulo reforçador seria grosseiramente o mesmo que uma recompensa” (Malott, 1972/1975, p. 3) – e tornar o material mais “acessível”, de uma forma que facilitasse a aprendizagem de estudantes. Nesse sentido, a obra buscava ampliar a disseminação de conteúdos da área, que passariam a ter maior apelo junto ao alunado. Igualmente, também é empregada a estratégia de aproximar as narrativas apresentadas na HQ às situações cotidianas vivenciadas por seus leitores. Esse aspecto também poderia tornar a aprendizagem mais efetiva, já que não abordaria os princípios básicos analítico-comportamentais apenas a partir de delineamentos experimentais com animais não-humanos, característica típica do ensino da área. Ademais, indicaria “para que serve” a Análise do Comportamento, extrapolando o ambiente controlado do laboratório com sujeitos experimentais não-humanos em direção ao seu fim prático, principalmente no contexto de difusão da Análise do Comportamento em variadas áreas de aplicação ao longo da década de 1970 (Rutherford, 2009). Estas características vão ao encontro da proposição de Malott (2017, 2018) sobre tornar um material didático “reforçador” e, ainda, coadunam com o uso de storytelling como ferramenta para comunicar conteúdo.

Embora sejam poucas as reações à obra identificadas na literatura, uma resenha publicada no “The New Earth Catalogue”⁶ destaca o ineditismo de sua proposta ao apresentar em formato de quadrinhos aqueles conteúdos que costumam compor uma literatura científico-acadêmica. Essa fonte, inclusive, auxilia na interpretação anterior do formato da obra como “atrativo” para o seu potencial leitor. A resenha, publicada em 1973, indica que o formato da obra como HQ provavelmente agradaria ao seu público-alvo e despertaria mais interesse em relação ao conteúdo da obra do que se este fosse apresentado em um formato mais tradicional – “[a obra] deve causar grande entusiasmo nos círculos apropriados, pois eu apostaria que a retenção de conteúdo e interesse [proporcionada por ela] é muito maior do

que em qualquer livro didático em formato convencional” ([Comentários sobre Malott (1972/1975) em “The New Earth Catalogue”], 1973, p. 122). Ao final, o autor(a) – não identificado(a) – recomenda a HQ inclusive para o público leigo e para quem diverge das proposições da Análise do Comportamento. Saliencia ainda que, ao término da leitura, é praticamente impossível não assimilar uma grande quantidade das informações apresentadas na HQ, sugerindo uma resposta positiva em relação ao caráter didático da obra no formato adotado por Malott.

Na mesma direção, os comentários publicados no “Once Daily”⁷ – reproduzidos nas páginas finais da publicação de Malott (1972/1975) apenas com a indicação da fonte (sem autoria ou data) – sugerem que, apesar do formato geralmente associado a um público infanto-juvenil, a HQ seria até mais efetiva do que os tradicionais livros didáticos no que se refere à apresentação de conteúdos científico-acadêmicos. Na fonte, lê-se: “[a obra] apresenta ideias em formato de HQ, e nós poderíamos apostar (...) que você melhor entenderá e se lembrará do que leu neste livro do que o faria com a maioria dos textos convencionais. Quadrinhos sim, mas não infantil!” ([Comentários sobre Malott (1972/1975) em “Once Daily”], s.d.).

Este aspecto “sedutor” da HQ – e, conseqüentemente, o seu potencial efeito como veículo de disseminação da Análise do Comportamento – encontrou coro entre aqueles que a estudaram. D. R. Donnelly (comunicação pessoal, 14 de maio, 2020), por exemplo, conta que, durante os primeiros anos de sua formação em Psicologia no início da década de 1970, não se interessava por Análise do Comportamento. Sua percepção e interesse mudou ao cursar uma disciplina de “Psicologia do Ensino” cuja bibliografia contemplava materiais de Malott – dentre os quais, o livro “Elementary principles of behavior”, a HQ aqui analisada e uma obra interativa também publicada pela editora Behaviordelia. O conteúdo estudado despertou tanto o seu interesse que passou a trabalhar com o professor que ministrou a disciplina e, após a conclusão de sua formação em Psicologia, realizou uma pós-graduação voltada para a Análise do Comportamento. Donnelly indica que a HQ de Malott foi uma das obras relevantes para suas escolhas profissionais – “ainda tenho cópias dos três [livros], e eles foram fundamentais para a escolha de minha carreira” (D. R. Donnelly, comunicação pessoal, 14 de maio, 2020).

Em uma resenha publicada no periódico científico “The Psychological Record”, Knipe (1973) também destaca o ineditismo da proposta de Malott, enaltecendo como a escolha do formato da obra seria um fator determinante para a apreensão da atenção do leitor (em particular, o estudante de Psicologia e de Análise do Comportamento), mantendo-o imerso na leitura. Para Knipe (1973), “o comportamento de leitura do aluno é melhor mantido pelas engenhosas ‘frases de efeito’ presentes em cada página [da HQ] e pelos interessantes enredos que ilustram importantes princípios comportamentais. A estratégia funciona – é difícil largar o livro” (p. 271). O autor também discorre sobre o uso de storytelling, qualificando de forma positiva as análises de Malott sobre situações que seriam tão cotidianas quanto familiares ao contexto acadêmico, aproximando a obra e o seu leitor/estudante. Por fim, recomenda o uso da HQ como leitura complementar em disciplinas de Psicologia e Análise do Comportamento.

Neste contexto de recomendações para determinados públicos, uma curta resenha apócrifa veiculada no periódico científico “*Practical Psychology for Physicians*” aponta que, ainda que fosse mais direcionada para estudantes de graduação em Psicologia, a obra conteria informações que um médico em formação também poderia considerar úteis – ou a sua leitura constituiria, pelo menos, um agradável entretenimento. Além da indicação para estudantes de uma outra área, o texto cita alguns elementos de storytelling utilizados na obra, descrevendo-a como envolvente e uma boa apresentação de princípios analítico-comportamentais. De acordo com a fonte: “esta divertida e envolvente história em quadrinhos é, na verdade, um excelente texto elementar sobre a aplicação de princípios comportamentais” ([Comentários sobre Malott (1972/1975) em “*Practical Psychology for Physicians*”], 1975).

Por fim, a opinião de um leitor da obra ilustra aspectos de sua recepção para o ensino de Análise do Comportamento, mesmo em contextos distintos à formação em Psicologia. B. A. Thyer (comunicação pessoal, 12 de maio, 2020) conta que já havia lido obras de importantes autores da área e já se considerava um comportamentalista quando teve contato com a HQ de Malott. De acordo com o seu próprio relato, “ler ‘Contingency management’ foi o ponto alto do meu treinamento militar!” (B. A. Thyer, comunicação pessoal, 12 de maio, 2020). Na época, Thyer participava de um treinamento do exército estadunidense em uma especialização na área de psiquiatria, e a HQ foi um dos textos estudados nesta capacitação. Thyer ainda pontuou que “esses livros e quadrinhos superficialmente leves do início dos anos 1970 eram obras sólidas. Precisamos de mais materiais como estes para uso em escolas de ensino fundamental e médio” (B. A. Thyer, comunicação pessoal, 12 de maio, 2020). Na opinião de Thyer, outros conteúdos técnico-científicos associados com distintos níveis de ensino (escolar, graduação e pós-graduação) poderiam ser disseminados da mesma forma como Malott o fez em sua HQ – i.e., utilizando estratégias de storytelling que aproximam o público a campos disciplinares ou assuntos de uma forma mais “amigável”.

Considerações Finais

O presente estudo abordou questões relacionadas à produção, ao conteúdo e à recepção de uma HQ sobre Análise do Comportamento escrita por Richard W. Malott e publicada por uma editora criada pelo próprio autor (Behaviordelia). Intitulada “*Contingency management in education & other equally exciting places or ...*” (1972), a obra buscava disseminar conhecimentos da área em um formato diferenciado daqueles que costumam ser utilizados em materiais didáticos e de divulgação científica produzidos no âmbito científico-acadêmico. A discussão aqui realizada amparou-se na compreensão de que é relevante para uma análise desta obra considerar o contexto no qual Malott (um acadêmico interessado em formas diversas de divulgação do conhecimento científico, envolvido com o mercado editorial e a produção de materiais didáticos) estava imerso e que parece ter pautado as suas escolhas editoriais. Deve-se ter em conta, portanto, que a obra foi concebida em um momento do percurso histórico da Análise do Comportamento marcado por reações ambivalentes às suas proposições – i.e., ainda que os anos 1970 sejam

considerados o período de maior circulação da área no debate público, esta década também foi marcada por controvérsias e percepções negativas sobre a Análise do Comportamento advindas de parte da sociedade estadunidense.

Pesquisas sinalizam que estas percepções negativas estavam em parte associadas com imprecisões disseminadas sobre fundamentos teóricos-conceituais analítico-comportamentais – o que, dentre outros fatores, também pode ser atribuído à forma como os próprios analistas do comportamento comunicam o conhecimento que produzem. Neste cenário, membros desta comunidade têm sugerido estratégias para melhorar a comunicação com interlocutores, o que inclui a organização de materiais didáticos e de divulgação científica que sejam efetivos em disseminar informações mais precisas sobre a área. Assim, o que o presente trabalho sugere é que tal conjuntura compõe um pano de fundo que ajuda a interpretar certas escolhas editoriais assumidas por Malott na produção da obra aqui analisada: (1) o formato de HQ, uma mídia popular que poderia ampliar o interesse sobre o seu conteúdo; (2) o uso de storytelling para ilustrar conceitos analítico-comportamentais, contando histórias relacionadas ao cotidiano de estudantes e de outros potenciais leitores da obra; (3) a adoção de um teor humorístico e de uma estética psicodélica típica dos anos 1970 na apresentação visual do material, tornando-o mais atrativo para o público da época; e (4) a opção pelo gênero narrativo de super-heróis, associando os seus atributos positivos à imagem da Análise do Comportamento.

Todavia, é pertinente apontar algumas limitações ao desenvolvimento deste estudo. Devido ao restrito acesso público ao material original – uma vez que novas impressões da HQ de Malott são comercializadas apenas sob demanda⁸ –, a descrição minuciosa de todos os seus capítulos possibilitaria uma melhor compreensão sobre o conteúdo e o escopo da obra como material didático. Porém, o limite de espaço inerente a um artigo científico inviabiliza esta descrição pormenorizada. Nesse sentido, os excertos da HQ analisados pelo presente estudo configuraram um exercício de situar o leitor em relação à tipologia textual empregada por Malott e, assim, embasar e tornar compreensível a interpretação contextual aqui proposta.

Outra limitação foi a escassez de fontes primárias alusivas à HQ identificadas na literatura contemporânea à sua publicação, o que restringe a avaliação sobre a sua recepção e circulação inicial. Assim, para os fins deste estudo, também foram analisadas comunicações pessoais de membros da comunidade analítico-comportamental que tiveram contato com a obra. O conjunto destas reações aponta aspectos positivos associados ao estudo do material, principalmente quanto ao ineditismo de sua proposta e ao modo como o formato de HQ e o uso de storytelling instigam o interesse e ampliam a compreensão do leitor sobre o conteúdo.

A despeito desta limitação, as reações analisadas estão alinhadas com relatos favoráveis sobre o uso de storytelling em outras obras analítico-comportamentais. Malott (2018), por exemplo, apresentou dados de uma consulta informal que realizou com estudantes que leram o “Elementary principles of behavior” em suas aulas. Os resultados indicam que elementos de storytelling presentes no livro influenciaram positivamente a leitura do material. Igualmente, Himeline (2018) menciona relatos de alunos que citavam a obra como aquela que mais ansiavam ler a cada semana, dentre todos os materiais que precisavam estudar. Diante da informalidade de tais

dados, é relevante a recomendação de que sejam conduzidos estudos empíricos sobre o uso de storytelling em obras analítico-comportamentais.

Por fim, cabe pontuar a atualidade do debate proposto com a análise da HQ de Malott. Ainda que esta obra tenha sido publicada há mais de meio século, seguem atuais as questões que suscitaram o seu projeto nos moldes propostos pelo autor, sobretudo no que se refere à forma como a comunidade analítico-comportamental dissemina o conhecimento que produz⁹.

Referências

- Association for Behavior Analysis International. (s.d.). *Richard W. Malott*. <https://www.abainternational.org/constituents/bios/richardmalott.aspx>
- Bailey, J. S. (1991). Marketing Behavior Analysis requires different talk. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 24(3), 445-448. <https://doi.org/10.1901/jaba.1991.24-445>
- Bandeira, V. G., & Malerbi, F. E. K. (2023). Estratégias para identificar e para superar incompreensões sobre a Análise do Comportamento: Uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 25, 1-20. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v25i1.1673>
- Benjamin, L. T. (1988). A history of teaching machines. *American Psychologist*, 43(9), 703-712. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.43.9.703>
- Benjamin, L. T., & Nielsen-Gammon, E. (1999). B. F. Skinner and psychotechnology: The case of the heir conditioner. *Review of General Psychology*, 3(3), 155-167. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.3.3.155>
- Bjork, D. W. (1993). *B. F. Skinner: A life*. BasicBooks.
- Cambridge University Press. (s.d.). Storytelling. In *Cambridge dictionary*. Recuperado em 20 de outubro de 2024, de <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/storytelling>
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In J. Poupard, J. P. Deslauriers, L. H. Groulx, A. Laperrrière, R. Mayer, & A. Pires (Orgs.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Vozes.
- Chomsky, N. (1971, 30 de dezembro). The case against B. F. Skinner. *The New York Review of Books*. <https://www.nybooks.com/articles/1971/12/30/the-case-against-bf-skinner/>
- Comentários sobre Malott (1972/1975) em *Once Daily*. (s.d.). *Once Daily*.
- Comentários sobre Malott (1972/1975) em “Practical Psychology for Physicians”. (1975). *Practical Psychology for Physicians*, 2(5).
- Comentários sobre Malott (1972/1975) em “The New Earth Catalogue”. (1973). In S. R. French (Org.), *The new earth catalogue: Living here and now* (p. 122). Putnam/Berkley and Heller & Son.
- Coogan, P. (2006). *Superhero: The secret origin of a genre*. MonkeyBrain Books.
- Coogan, P. (2013). The hero defines the genre, the genre defines the hero. In R. S. Rosenberg & P. Coogan (Orgs.), *What is a superhero?* (pp. 3-10). Oxford University Press.
- Critchfield, T. S. (2024, 21 de julho). *The quest to communicate about Behavior Analysis (#5 of 5): Beyond books and journals*. Association for Behavior

- Analysis International–ABAI. <https://behavioranalysisblogs.abainternational.org/2024/07/21/the-quest-to-communicate-about-behavior-analysis-part-2-beyond-books-and-journals/>
- Critchfield, T. S., Doepke, K. J., Epting, L. K., Becirevic, A., Reed, D. D., Fienup, D. M., Kreamsreiter, J. L., & Ecott, C. L. (2017). Normative emotional responses to Behavior Analysis jargon or how not to use words to win friends and influence people. *Behavior Analysis in Practice, 10*(2), 97-106. <https://doi.org/10.1007/s40617-016-0161-9>
- Cruz, R. N. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 8*(2), 161-178. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v8i2.98>
- Cruz, R. N. (2010). Possíveis relações entre o contexto histórico e a recepção do Behaviorismo Radical. *Psicologia: Ciência e Profissão, 30*(3), 478-491. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000300004>
- Cruz, R. N. (2011). Da informalidade à formalidade: O percurso inicial da organização social da Análise do Comportamento. *Perspectivas em Análise do Comportamento, 2*(1), 77-89. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v2i1.57>
- Cruz, R. N. (2016). A fundação do JEAB e o isolamento histórico da Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 32*(3), 1-9. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e323215>
- Dinsmoor, J.A. (1992). Setting the record straight: The social views of B. F. Skinner. *American Psychologist, 47*(11), 1454-1463. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1454>
- Duncan, R., & Smith, M. J. (2009). *The power of comics: History, form & culture*. Continuum.
- Foxx, R. M. (1996). Translating the covenant: The behavior analyst as ambassador and translator. *The Behavior Analyst, 19*(2), 147-161. <https://doi.org/10.1007/BF03393162>
- Freedman, D. H. (2016). Improving public perception of Behavior Analysis. *The Behavior Analyst, 39*(1), 89-95. <https://doi.org/10.1007/s40614-015-0045-2>
- Haggbloom, S. J., Warnick, R., Warnick, J. E., Jones, V. K., Yarbrough, G. L., Russell, T. M., Borecky, C. M., McGahhey, R., Powell III, J. L., Beavers, J., & Monte, E. (2002). The 100 most eminent psychologists of the 20th century. *Review of General Psychology, 6*(2), 139-152. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.6.2.139>
- Hineline, P. N. (2018). Narrative: Why it's important, and how it works. *Perspectives on Behavior Science, 41*(2), 471-501. <https://doi.org/10.1007/s40614-018-0137-x>
- Holland, J. G. (1978). Behaviorism: Part of the problem or part of the solution? *Journal of Applied Behavior Analysis, 11*(1), 163-174. <https://doi.org/10.1901/jaba.1978.11-163>
- Knipe, J. S. (1973). Book notes: Review of Contingency management in education and other equally exciting places. *The Psychological Record, 23*(2), 271. <https://doi.org/10.1007/BF03394168>
- Malott, R. W. (1975). *Contingency management in education & other equally exciting places, or ...* (2ª ed.). Behaviordelia. (Obra original publicada em 1972)
- Malott, R. W. (2017). Why is Dick so weird? In R. D. Holdsambeck & H. S. Pennypacker (Orgs.), *Behavioral science: Tales of inspiration, discovery, and service - Omnibus edition* (pp. 289-318). Cambridge Center for Behavioral Studies.

- Malott, R. W. (2018). True confessions of a narrator: Using narrative in textbook writing, or it's gotta be fun or else it won't be fun. *Perspectives on Behavior Science*, 41(2), 551-560. <https://doi.org/10.1007/s40614-018-0174-5>
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The history of Behavior Analysis: Some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131-158. <https://doi.org/10.1007/BF03392530>
- Oxford University Press. (s.d.). Storytelling. In *Oxford English dictionary*. Recuperado em 20 de outubro de 2024, de <https://www.oed.com/search/dictionary/?q=storytelling>
- Reinhold, R. (1972, 21 de abril). B. F. Skinner's Philosophy fascist? Depends on how it's used, he says. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/1972/04/21/archives/b-f-skinners-philosophy-fascist-depends-on-how-its-used-he-says.html>
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of behavior from laboratory to life, 1950s-1970s*. University of Toronto Press.
- Smith, L. D. (1996). Situating B. F. Skinner and Behaviorism in American culture. In L. D. Smith & W. R. Woodward (Orgs.), *B. F. Skinner and Behaviorism in American culture* (pp. 294-315). Lehigh University Press/Associated University Presses.
- Todd, J. T., & Morris, E. K. (1992). Case histories in the great power of steady misrepresentation. *American Psychologist*, 47(11), 1441-1453. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.47.11.1441>
- Western Michigan University. (2019, 23 de maio). *Faculty retirement recognition dinner 2019*. <https://scholarworks.wmich.edu/faculty-recognition/141/>
- Wyatt, W. J. (2000). Behavioral science in the crosshairs: The FBI file on B. F. Skinner. *Behavior and Social Issues*, 10(1-2), 101-109. <https://doi.org/10.5210/bsi.v10i0.128>
- Zhang, D., Lin, F. Y., & Martin, N. (2023). International dissemination of Behavior Analysis. In A. K. Griffith & T. C. Ré (Orgs.), *Disseminating behavioral research* (pp. 269-282). Springer.

(Received: February 07, 2025; Accepted: June 30, 2025)

Notas

¹ “Storytelling” é um termo cujo significado está basicamente associado à sua tradução literal para o idioma português – i.e., o ato de “contar histórias”. A título ilustrativo, em dois dicionários de língua inglesa consultados (um editado pela Cambridge University Press e outro pela Oxford University Press), as definições apresentadas são semelhantes e se diferenciam apenas quanto aos seus níveis de especificidade, já que uma delas cita algumas atividades que podem estar envolvidas no ato de contar histórias – “a atividade de escrever, contar ou ler histórias” (Cambridge University Press, s.d.); ou “a ação ou atividade de contar histórias ou uma história específica” (Oxford University Press, s.d.).

² Todas as citações diretas realizadas ao longo do presente texto são traduções para o português de trechos de obras e comunicações pessoais escritos originalmente em inglês. Estas traduções foram conduzidas pelos autores e autoras deste artigo.

³ É importante sinalizar que tais críticas não devem ser generalizadas como infundadas. Que alguns analistas do comportamento (e.g., Holland, 1978) tenham se dedicado à avaliação de intervenções criticadas e das contingências que as controlavam é ilustrativo neste sentido.

⁴ No contexto estadunidense, a origem desta mídia em um formato próximo ao das HQs modernas – focadas em um ou mais personagens, cujas ações perpassam diferentes quadros, com o uso de balões de fala ou pensamento etc. – remonta a tirinhas de jornal publicadas em 1894 por Richard Felton Outcault (1863-1928). Batizadas “Hogan’s alley”, essas narrativas ficaram conhecidas posteriormente como “The yellow kid”, em alusão à vestimenta de um de seus personagens que passou a ter mais proeminência nos roteiros (Duncan & Smith, 2009).

⁵ Coogan (2013) apresenta a seguinte definição para o termo “super-herói” (“superhero”, no original): “Um personagem heroico com uma missão universal, altruísta e pró-social; que possui superpoderes – habilidades extraordinárias, tecnologia avançada ou habilidades físicas e/ou mentais altamente desenvolvidas (incluindo habilidades místicas); que tem uma identidade de super-herói incorporada em um codinome e traje icônico, que tipicamente expressa sua biografia ou personalidade, poderes e origem (transformação de pessoa comum em super-herói); e é genericamente distinto, i.e., pode ser distinguido de personagens de gêneros relacionados (fantasia, ficção científica, detetive etc.) por uma preponderância de convenções genéricas. Frequentemente, os super-heróis possuem identidades duplas, a comum das quais é geralmente um segredo bem guardado” (p. 3).

⁶ “The New Earth Catalogue” foi um catálogo publicado em 1973 compilando anúncios para a venda de variados itens, associados com interesses diversos e categorizados em seções (“Mídia”, “Artesanato”, “Ferramentas” etc.). Duas obras da Editora Behaviordelia – dentre as quais, a HQ de Malott aqui analisada – foram apresentadas em breves resenhas na seção “Educação: Ferramentas – Escolas alternativas – Comportamento – Sistemas de pesquisa”.

⁷ Os autores do presente artigo não conseguiram acessar informações que permitissem uma descrição pormenorizada do “Once Daily”, ainda que o seu título

sugira tratar-se de um material de publicação periódica, como um jornal diário ou revista/magazine.

⁸ A impressão sob demanda das obras publicadas por Malott através da Editora Behaviordelia está disponível através da plataforma Lulu (<https://www.lulu.com/spotlight/dickmalott>).

⁹ Em uma recente série de textos na qual aborda desafios para difundir o conhecimento produzido em Análise do Comportamento, Critchfield (2024) ilustra a atualidade da discussão didática e comunicacional que perpassa a comunidade analítico-comportamental e fornece exemplos atuais de materiais de ensino e de divulgação científica que utilizam storytelling e adotam formatos de mídia alternativos aos tradicionais artigos e livros acadêmicos. Além de HQs – e.g., *Rat park*, do cartunista Stuart McMillen –, o autor cita podcasts e documentários em vídeo que discutem temas de interesse de analistas do comportamento. Desenvolver pesquisas que examinem este tipo de conteúdo, principalmente por eventuais impactos que possam ter em um nível formativo, é um encaminhamento que se faz relevante para a área.

